São Eulógio de Córdoba e um dos caminhos para o Mito Político do Islã
Saint Eulogio de Córdoba and one of the paths to the Political Myth of Islam

Augusto Machado Rocha¹

RESUMO

Ao trabalhar com o conceito de mito político, busca-se demonstrar um dos caminhos possíveis para a representação do Islã enquanto inimigo do Ocidente a partir dos escritos de Eulógio de Córdoba, no século IX. A representação concebida por Eulógio tinha como objetivo legar uma face do adversário a ser combatido, ainda que não tenha encontrado grande suporte em seu tempo, mas sendo recuperada para dar forma ao inimigo. Em tal sentido, percebemos em Eulógio um dos caminhos para a definição deste inimigo. A partir de uma análise da produção de São Eulógio, se percebe a forma como ele procurava deixar uma imagem do mal islâmico para a posterioridade, refletindo-se quanto ao possível impacto de tal narrativa. Ao fim, percebemos que o conceito de mito político se conecta com o discurso de Eulógio, ainda que não se possa afirmar que o autor seja o único ou principal responsável por tal construção.

Palavras-Chave: O Mito Político do Islã. São Eulógio e os Mártires de Córdoba. O mal islâmico a partir de *Al-Andalus*.

ABSTRACT

By working with the concept of political myth, one seeks to demonstrate one of the possible ways for the representation of Islam as an enemy of the West from the writings of Eulógio de Córdoba, in the 9th century. The representation conceived by Eulógio aimed to bequeath a face of the opponent to be fought, although it did not find much support in its time, but being recovered to give form to the enemy, in such a sense, we perceive in Eulógio one of the ways for the definition of this enemy. From an analysis of the production of São Eulógio, it becomes clear how he sought to leave an image of Islamic evil for later, reflecting on the possible impact of such a narrative. In the end, we realize that the concept of political myth is connected with Eulógio's discourse, although it cannot be said that the author is the only or main responsible for such construction.

Keywords: The Political Myth of Islam. San Eulogio and the Martyrs of Cordoba. Islamic evil from *Al-Andalus*.

Introdução

Compreende-se que a representação do Islã, no que se refere à sua interpretação como grande mal, formou-se a partir do Ocidente, remontando ao passado medieval com o qual trabalharemos aqui. Retomando Edward Said (2007), afirma-se que o Oriente se tornou todo o conjunto de coisas que o Ocidente não é (nos campos da cultura, ciências e artes), assim o que acontece é a má representação do outro, no caso, o oriental.

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Mestrando pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), membro do Virtù – Grupo de História Medieval e Renascentista. *E-mail:* amrocha721@gmail.com

Como o historiador Maxime Rodinson (2002) afirmou, “o Islã pode sempre ter sido caracterizado como um selvagem inimigo, mas durante a Idade Média ele era ao menos considerado como no mesmo nível de sua contraparte europeia” (RODINSON, 2002, p. 60). Como o autor rememora ao apresentar uma breve revisão sobre as representações dos muçulmanos, pensadores do século XVIII – definidos enquanto iluministas – exaltavam a qualidade e riqueza cultural proveniente do Islã. Porém, a partir do século XIX, com o novo contexto do Imperialismo das nações do noroeste da Europa (principalmente França e Inglaterra), houve uma mudança de sentido. É a partir de tal período que se fortalece a noção de que há uma grande e necessária separação entre Ocidente e Oriente, onde o papel das nações ocidentais era o de levar o desenvolvimento ao leste (RODINSON, 2002, p. 72).

Ou seja, com o período de fortalecimento de um eurocentrismo houve uma ruptura que colocou as diversas populações orientais em posição de inferioridade e neste contexto estavam as populações árabes; islâmicas ou não. Como Albert Hourani (2006, p. 27) afirmou, os grupos étnicos da Península Arábica falavam diferentes dialetos de árabe, sendo tal língua a base da formação singular de uma população diversa, composta por comunidades que ocupavam diferentes regiões e possuíam costumes diversificados – ainda que concordassem em alguns pontos –, como nômades, criadores de animais, comunidades agrícolas e comerciais. Essa diversidade passou a ser resumida a uma característica, aos olhos do século XIX: o Islã.²

De tal forma, o que guiou a representação do oriente próximo foi a ideia do *homo islamicus* apresentada por Maxime Rodinson (2002) que, como Hourani (2006) afirma, está presente até hoje. A compreensão de um homem islâmico como a representação do ser árabe ou pertencente ao oriente próximo corrobora com um imaginário que prejudica a percepção da multiplicidade do Outro. Assim, entende-se que tal *homo* foi criado como uma simplificação, um exemplo da inferioridade do oriente e de sua cultura, uma prova de sua virulência e simplicidade. Porém, tal construção ignora a própria riqueza oriunda do Oriente ao pensarmos no papel do Islã, uma vez que “(...) os muçulmanos mantiveram o antigo pluralismo religioso do Oriente Médio e aprenderam a coexistir com os membros de outras religiões”

² É importante destacar que a Península Arábica era formada por uma gama de etnias que acabam por ser simplificadas na figura do árabe. A divisão de tais comunidades passa por uma perspectiva desde diferenças religiosas (uma vez que há a crença islâmica, judia, cristã e zoroastra com grande presença na região, para além de suas variantes), diferenças linguísticas (apesar de uma similaridade em virtude da matriz linguística semita, que se desmembrou em outros idiomas – dentre os quais o árabe). Ou seja, o árabe não pode ser simplificado como muçulmano, por exemplo, tendo em vista que é uma região rica e diversa, social e culturalmente.

(ARMSTRONG, 2002, p. 292), gerando uma riqueza cultural que pouco se viu na Europa Medieval, por exemplo. (ARMSTRONG, 2002, p. 292).

Em tal sentido, apontamos a construção do Islã sob a ótica do mito político. Ou seja, para além da cultura como um todo, o que foi definido enquanto forma real do Islã é uma representação baseada em um discurso que o aponta enquanto adversário, inimigo do Ocidente. Retomamos a compreensão de Roger Chartier (2002), sobre o fato de que:

as representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Ora, é certo que elas colocam-se no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto às lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais. (CHARTIER, 2002, p. 17).

Assim, para o autor, a compreensão de discurso está amparada na motivação de quem propõe determinada visão. Como Chartier (2002, p. 126) defende, o referencial de qualquer discurso não está pautado “no objeto estável e único” que define, mas sim nas percepções múltiplas que deram origem e apoiaram as afirmações quanto ao representado. Dessa forma, o que está em foco quanto ao discurso é a motivação que o teria originado.

Com esse escopo, pretendemos demonstrar os impactos de uma representação e um discurso bem fundamentados no século IX e o modo como estes construíram uma verdade para a sociedade, ainda que possam não ter tido impacto em seu tempo. Ou seja, trabalharemos com um dos caminhos que teria levado a uma base do mito político do Islã enquanto adversário a ser combatido, o caminho dos escritos de São Eulógio de Córdoba (? - 857).

Ao trabalharmos com uma ideia de formação do mito político do Islã, colocamos em foco a forma como São Eulógio teria construído uma representação dessa fé e cultura, bem como foi de seu interesse o legado de tal imagem. Entendemos que o caráter de mito político oriundo da representação feita sobre o Islã pode ser percebido como uma problemática, uma vez que a imagem construída recebeu um caráter de verdade. Ao trabalharmos com esse conceito, pretendemos compreender como se deu a formação específica com relação ao mito islâmico. Refletimos que a constante exposição a uma determinada perspectiva consolidou um caráter de verdade que desmerece o Outro, impedindo uma verdadeira representação quanto a sua multiplicidade cultural. Trabalhamos sob a perspectiva apresentada por Christopher Flood (1996) e Hans Blumenberg (1985) ao compreendermos que ainda que as pessoas

compreendam a diferença entre um mito (representação) e a realidade que cerca o representado, a constante exposição a uma perspectiva fechada acaba impedindo a geração e compreensão para além do mito. Sob tal perspectiva, ao usarmos tal conceito pretendemos oferecer um caminho para analisarmos o Islã para além de seu mito, apresentando uma das bases de sua formação e justificando o porquê de não comprarmos tal representação enquanto uma verdade absoluta.

Nesse sentido, torna-se necessário reafirmar que a formação da representação do Islã enquanto um inimigo do Ocidente não pode ser creditada totalmente a São Eulógio de Córdoba, porém não podemos descartar seu papel em tal construção. De tal forma, antes de lançarmos a nossa análise ao mito político desenvolvido em torno do Islã por nosso autor, devemos apontar quem este seria.

São Eulógio de Córdoba

São Eulógio de Córdoba teria nascido em torno do ano de 819, nos arredores da cidade de Córdoba, então capital do Emirado Omíada – tendo falecido na mesma cidade, no ano de 857). Filho de uma das famílias da elite cordobesa do século IX que atuava na administração civil durante o emirado de Abd-er-Rahman II, Eulógio foi irmão do conselheiro de confiança do emir – como afirma Pedro Roldán (2005, p. 24-25). Acabou “por escolher” o caminho da Igreja cristã e se formou no mosteiro de *São Zoilo*, localizado na região montanhosa que cercava a cidade de Córdoba. Registra-se que foi através de sua educação que passou a tornar-se opositor das medidas que “restringiam” a vivência do ser cristão em *Al-Andalus*.

Em virtude de sua educação monasterial, envolveu-se com a língua latina e com toda história da Igreja cristã, atuando e lutando pela preservação de sua cultura. Sua juventude e estudo coincidem com a década de 830, período em que ocorrem dois dos primeiros martírios cristãos em oposição ao mundo muçulmano, como aponta Pedro Roldán (2005, p. 13) e Jessica Coope (1995, p. 17). Nesse contexto, Eulógio incorporou para si valores voltados para a preservação da tradição cristã que estava sendo perdida, ao seu ver, junto com a cultura letrada latina, uma vez que os valores do mundo cristão – nos quais teria nascido e se instruído – estariam dando lugar ao Islã. Já no fim de sua formação, Eulógio empreendeu uma viagem por mosteiros da região interiorana de *Al-Andalus* e teria atuado na recuperação de uma série de textos cristãos que estariam perdidos em mosteiros isolados. Com os

documentos que encontrou teria regressado a Córdoba para incrementar parte de suas futuras obras: “*Memoriale Sanctorum*” (entre 851 e 856), “*Apologeticus Martyrium*” (857) e o “*Documentum Martiriale*” (851).³

Ao longo de sua jornada, sua aquisição mais significativa esteve vinculada ao mosteiro de *Leyre*, localizado na cidade de Pamplona (DÍAZ Y DÍAZ, 1993-1994, p. 141). Nessa região, Eulógio teve acesso a uma das primeiras biografias produzidas e encontradas no Ocidente do Profeta muçulmano Muhammad – de autoria desconhecida, tal texto foi utilizado amplamente na escrita do “*Apologeticus Martyrium*” (857). Após suas viagens pelos mosteiros da região noroeste da atual Espanha, ele retornaria para Córdoba entre os anos de 848 e 849, uma vez que foi uma das vozes do primeiro concílio realizado no ano de 852, após o martírio do monge Prefectus (851), visando evitar novos conflitos entre cristãos e muçulmanos.

Em 852, o concílio convocado pelo bispo de Sevilha, Racafredo, tinha como objetivo conter qualquer reação relativa à morte de Prefectus, primeiro dos mártires da década de 850. Após a realização do concílio, houve a prisão de uma série de religiosos exaltados, inclusive de Eulógio de Córdoba e do Bispo Saulo – um dos guias de nosso autor. Foi neste concílio que se percebeu “a desunião da Igreja cordobesa entre aqueles que criticavam os mártires, agora com apoio de parte do próprio clero, e seus defensores, desde o princípio em números reduzidos” (ROLDÁN, 2005, p. 18).

Durante sua prisão, São Eulógio começou a escrever o “*Memorial Sanctorum*”⁴ (FERNÁNDEZ, 1973, p. 363-456) e, ao conhecer as virgens Flora e Maria, escreveu o “*Documentum Martiriale*” (FERNÁNDEZ, 1973, p. 459-473). Com o “*Documentum*” procurava em primeiro lugar incentivar que as duas jovens seguissem em sua luta em defesa da fé cristã e, em um segundo momento, buscou usar dessa imagem para incentivar a luta contra o Islã através do martírio. Já o “*Memorial Sanctorum*” tinha como objetivo salvaguardar as memórias do cárcere e da luta dos indivíduos que estavam dispostos a dar sua

³ Sobre os materiais encontrados e utilizados por São Eulógio, ao longo de sua narrativa, não podemos apontar em sua totalidade quais e que enxertos foram utilizados. Porém, do punho do próprio autor é afirmado que encontrou uma das primeiras biografias do Profeta muçulmano, nos mosteiros de Pamplona, a qual utilizou para embasar seu ataque ao Islã e aqueles que aceitavam que não era necessário um constante conflito com o Outro, em seu “*Apologeticus*”.

⁴ O trabalho com os textos de São Eulógio de Córdoba, a partir da transcrição organizada por Juan Gil Fernández, se dá em virtude da manutenção da língua latina, bem como da estrutura original dos textos de Eulógio. Tal transcrição está acessível na Biblioteca Virtual de Polígrafos, organizada pela Fundação Ignacio Larramedí.

vida em nome de Cristo, bem como apresentar como seria a terra de *Al-Andalus* durante seu tempo.⁵

Após sair da prisão, em 852, Eulógio passou boa parte de seu tempo circulando nas cercanias de Córdoba, não sendo possível identificar a localidade de sua residência em mosteiro ou cidade específica. Entre os anos de 852 e 857, nosso autor prosseguiu no desenvolvimento de suas obras chegando ao tomo III do “*Memoriale*”, onde procurava demonstrar a vilania do então emir Muhammad I. Como Jessica Coope (1995, p. 57) aponta, foi em tal emirado que houve um aumento da agressão ao não muçulmano. Com a morte de Muhammad I (886), tais políticas de agressão foram reduzidas e deixadas de lado, no que se refere a prática do governo como pontua Brian Catlos (2018).

São Eulógio de Córdoba foi preso novamente em 857, momento em que já teria pronto o “*Apologeticus martirium*” (FERNÁNDEZ, 1973, p. 475-493) por ocultar a jovem de família muçulmana Leocricia, acusada de apostasia ao negar a fé muçulmana para se converter ao islamismo. Há o registro de que Eulógio esteve por três vezes frente ao juiz que buscava que Eulógio pedisse o perdão por seu ataque, porém este por três vezes repetiu o ataque a figura do Profeta. Assim, teve sua morte por decapitação decretada de acordo com o registro de Paulo Álvaro, transcrito pelo historiador da *Universidad de Granada*, Pedro Díaz y Díaz (1993-1994, p. 149), às três da tarde do dia 11 de março de 857. O corpo de Eulógio teria sido enterrado na mesma igreja onde recebeu sua formação eclesiástica, o Monastério de *São Zoilo*, e em 883 teve suas *reliquias* transladadas junto com as de Leocricia para Oviedo por ordens do Rei Alfonso III (852 - 910) (ROLDÁN, 2005, p. 27).

⁵ Como podemos compreender a partir do que é afirmado por Eulógio de Córdoba no prefácio do segundo livro do “*Memorial Sanctorum*”: “*Conticua huius secundi operis breuitas martyrum tantummodo beatorum gesta exponens nomina, aetates, ortus diesque allisionum fideli proferet relatione, quo prudens lector, perpaululum prioris libelli seriam protelatam compensans, quos praeconio suo extulerit siue e contra quos zelo Dei armatus incesserit facilius possit conicere. Nam quod ille uario disputationis ambitu obuoluit disponit, iste enucleatim compensiosa disserit breuitate. Quem per capitula ideo digessimus, ut uniuscuiusque martyrum agonis principia liberius se meditantibus exhibrent.*” (FERNÁNDEZ, 1973, p. 397). A tradução de tal passagem é: “Nesta breve obra apenas iremos expor as ações dos santos mártires e iremos conhecer com fidedignidade seus nomes, idades, origens e data de suas mortes, com o objetivo de que o leitor avisado, seja compensado quanto ao prolongado conteúdo do livro anterior, possa julgar com mais facilidade a quem deve exaltar com seu elogio e a quem, ao contrário, deve atacar armado com seu zelo a Deus. Com efeito, enquanto que o outro [livro] expõe de maneira complexa o múltiplo contexto de disputa, este é breve. O livro foi distribuído por capítulos com o objetivo de mostrar com mais independência a quem o leia a paixão de cada um dos mártires” (FERNÁNDEZ, 1973, p. 397). Com tal passagem podemos compreender o texto presente neste *segundo* livro como uma compilação hagiográfica, permitindo uma maior percepção com relação a vida individual de cada mártir e o modo como essa percepção local colaborou para a formação de uma representação geral com relação ao *inimigo* muçulmano.

A forma como Eulógio procurou representar o Islã está pautada em um discurso de exposição do adversário. Ao analisar seu texto, procuramos demonstrar causas e consequências dessa representação, uma vez que se acredita que tal narrativa pode ser considerada uma das bases para a continuada imagem do Islã como algo mau, ruim e a ser combatido. Tal reflexão parte da compreensão de que se no século XX os políticos tomam o papel da Igreja, tornando-se os responsáveis por expor os grandes perigos sociais, a fé islâmica fortalece tal mito por possuir um histórico caráter político que sempre esteve miscigenado ao universo religioso (BOTTICI; CHALLAND, 2006, p. 328). Sob essa perspectiva, o Islã tornou-se uma instituição que representa o oposto, o diferente; permitindo a retomada e o fortalecimento de sua representação (baseada nas concepções originadas na Idade Média) como o grande inimigo. Procuramos desenvolver um estudo que demonstra o porquê de se considerar São Eulógio uma das bases dessa representação que começou a se formar, baseada em um discurso de agressão contra este outro.⁶

Nesse contexto, o papel de Eulógio foi o de fomentar uma representação para atacar aqueles que não percebiam o perigo do outro. Pois, como historiadores afirmam, tornou-se uma questão necessária impedir uma hegemonia da cultura árabe-muçulmana, tendo em vista que:

durante os anos centrais do século IX, a força de todas as terras islâmicas, particularmente em Córdoba, a sede do poder real, fica evidente. Nesta cidade, o crescente esplendor da civilização árabe, e não apenas os muçulmanos, é testemunhado com espanto e orgulho legítimo: muitos cristãos em breve passarão do espanto à administração e, portanto, ao desejo de imitar o novo estilo de vida, de fazer parte desse mundo brilhante e de se integrar a ele, isto é, de se tornar apropriadamente 'moçárabe'.⁷ (ROLDÁN, 2005, p. 7).

⁶ É importante frisar que apesar de se compreender o papel de São Eulógio de Córdoba como uma das bases da representação do Islã que nos foi legada, ele não foi o único autor a trabalhar com a ideia de oposição perante o Islã. Os territórios Ibéricos foram um passo de interação cultural, porém em muitos momentos esse foi o caminho de construir informações referentes ao Outro, de forma a diminuí-los ou apresenta-los como um perigo para Cristandade – antes e após o processo de conquista espanhola e portuguesa se concretizarem. Como autores que também impulsionam a representação do Islã enquanto algo negativo, apontamos o trabalho de Pedro, o Venerável, que no século XI deu início a uma primeira e parcial tradução do Alcorão, bem como São Eulógio de Córdoba, no século XIII, ao inserir a biografia do Profeta muçulmano em sua *Legenda áurea*.

⁷ *En resumidas cuentas, durante los años centrales del siglo IX empieza a hacerse patente la pujanza en todos los terrenos de lo islámico, particularmente en Córdoba, la sede del poder real. En esta ciudad se asiste con asombro y legítimo orgullo al creciente esplendor de la civilización árabe, y no sólo por parte de los musulmanes: muchos cristianos pasarán bien pronto del asombro a la admiración y, de ahí, al deseo de imitar el nuevo estilo de vida, de formar parte de ese brillante mundo y de integrarse en él, es decir, de hacerse propiamente 'mozárabes'.*

Logo, Eulógio assumiu uma postura de combate ao reconhecer a potência que estava se sobrepondo à sua religião e procurou instigar nos seus contemporâneos uma postura de ataque, contrastando o mundo cristão à sua representação de um horizonte muçulmano. Como indica Ariel Guance (2017), Eulógio de Córdoba foi considerado defensor e incentivador do movimento dos mártires da Espanha em suas ações de ataque ao Islã, buscando “demonizar o adversário muçulmano apresentando-o como cruel, libidinoso e apoiador do Anticristo Maomé” (TOLAN, 2010, p. 41). Tal postura esteve vinculada à formação de um mito político que se consolidasse como “a verdadeira face” de toda uma cultura. Tal construção foi baseada em um profundo conhecimento do Islã, ainda que este tenha sido deformado, fazendo uso de (re)interpretações dessa religião com o intuito de afastar esse outro “da Cristandade”. Como afirma Jessica Coope (1995): “a ignorância de Eulógio e Álvaro quanto ao Islã era seletiva; seu conhecimento varia de momento a momento, dependendo do argumento específico que desejam suportar” (COOPE, 1995, p. 50).⁸

Eulógio construiu sua narrativa, apontando para a forma como apresentou os mártires, bem como gerou uma representação do Islã, convidando a uma ação de ataque desse inimigo. A compreensão da formação de tal discurso torna-se fundamental para entender-se o legado pretendido por Eulógio de Córdoba. Suas palavras e visões foram destinadas a impactar as futuras gerações, instigando uma constante luta contra o inimigo e evitando, dessa forma, o apagar da identidade cristã – ao menos na comunidade cordobesa do século IX. Como Chiara Bottici e Benoit Challand (2006) afirmam:

a formação de um mito político não pode ser percebida apenas pela leitura de histórias que estão colocadas em nossos livros. Para estabelecermos se de fato uma narrativa é ou não um mito político, não é apenas para a produção que devemos olhar, mas sim, acima de tudo, mas sua recepção. É a maneira como a narrativa é recebida que forma o mito político. É o sistema - produção-recepção-reprodução que constitui ‘o trabalho do mito’.⁹ (BOTTICI; CHALLAND, 2006, p. 321).

⁸ *Eulogius’s and Albar’s ignorance of Islam was discretionary/ their knowledge varied from moment to moment, depending on the specific argument they wished to support.*

⁹ *The work of a political myth cannot be perceived by simply reading the stories that are deposited in our books. In order to establish whether a narrative is a political myth or not, it is not only at its production that we must look, but rather, and foremost, at its reception. It is the way in which a narrative is received that makes a political myth out of it. The whole system of production-reception-reproduction is what constitutes the ‘work on myth’.*

Ou seja, um mito político não pode ser percebido apenas como uma representação ou um discurso. Para que possamos afirmar a existência de um mito, deveríamos apresentar uma análise a sua recepção – seja por parte da população, seja por manifestações do período.

Através da análise da obra de Eulógio de Córdoba é possível perceber que a ação dos mártires, bem como seu discurso e forma, não causou tantos efeitos quanto desejado em seu tempo. Porém, nota-se que a formação de uma representação do Islã enquanto inimigo a ser combatido foi desenvolvida no sentido de tornar-se um legado, gerando valores de aversão em relação ao Outro.

Ainda que não se possa afirmar o acesso e recepção da representação do Islã de Eulógio pela população do que viria a ser a Espanha, é possível notarmos o uso de tal representação por parte daqueles que deram base para a formação de uma Espanha cuja identidade estava centrada no Cristianismo. Apesar de este não ser o único caminho para analisarmos a formação do mito político do Islã, é inegável que este encontra uma de suas bases em Eulógio e em sua influência ao indicar, a partir da Córdoba do século IX, o perigo representado pelo Islã.

O Mito Político do Islã, a partir de Eulógio de Córdoba

O objetivo de nosso autor ao compor suas obras era o legado das mesmas, buscando um impacto nas futuras gerações. Seu desejo, sob nossa interpretação, é o de receber um reconhecimento de louvor, usando de seu testemunho para afastar as comunidades cristãs que venham a ocupar a cidade de Córdoba, bem como outras localidades de *Al-Andalus*, do inimigo muçulmano. Seu interesse é que a imagem de seus santos mártires venha a convencer as futuras gerações da constante necessidade de se combater o Islã, ainda que não tenha sido a única concepção de confronto perante esse Outro. Tal construção foi recuperada e teve seu uso ampliado.

Eulógio ainda espera a defesa de Deus por suas ações, pela narrativa e forma como buscou aqueles que considera serem os verdadeiros heróis por entregarem sua vida a Deus. Tal como a ideia clássica reflete a esses, ele esperava e desejava que o paraíso fosse o destino de todos que escolheram defender a “verdadeira fé” frente submissão à da autoridade muçulmana.

Eulógio consegue desenhar as bases para o que no futuro condicionaria em um mito da fé muçulmana como sinônimo de violência e de agressão. Percebemos a base de tal formação ao notarmos como o autor entendeu que após a morte do segundo mártir da Córdoba de 850, Isaac, situado por Jessica Coope (1995, p. 15), no ano de 851 a população cristã inflamou-se contra o domínio muçulmano. Porém os cristãos moderados¹⁰ de Coope (1995), teriam parado e se voltado contra os mártires, uma vez que – de acordo com Eulógio – o medo do emir seria maior do que a adoração a Deus. Como o Eulógio afirmou:

Quando o crescente ardor divino inflamou muitos e empurrou uma multidão de fiéis a descer ao fórum para fazer uma profissão de fé e então abominar o inimigo da Igreja, imediatamente todos, aterrorizados com a raiva do tirano enfurecido, mudaram de opinião com grande velocidade, censurando, amaldiçoando, maldizendo e declarando-os perpetradores de um grande crime, tanto aqueles que o fizeram como aqueles que os apoiavam (FERNÁNDEZ, 1973, p. 364).

Aqui percebemos que Eulógio tinha esperança na força dos cristãos ao instigá-los contra os muçulmanos, apontando o momento onde, enraivecidos pela agressão, teriam se unido para desafiar o mundo muçulmano existente em Córdoba. Tal postura difere do discurso do “*Apologeticus Martirium*” onde demonstrou um ataque constante à figura dos cristãos moderados ou avessos a um confronto aberto com o mundo muçulmano. Eulógio busca por um mundo cristão que de maneira coesa atacasse e expulsasse o Islã, ainda que isso não fosse ocorrer em seu tempo. É por essa razão que afirmamos ser nosso autor um dos influenciadores para o futuro mito político do Islã.

Ainda que saibamos que tal intento não foi alcançado no tempo de São Eulógio, conseguimos, através dos seus escritos, perceber a base de um movimento que de tão “excessivo” recebeu pouco apoio da igreja cordobesa, como afirmou Martin Ferrero (2012, p. 892), mas que “na sequência” seria retomado, tendo em vista que:

no longo prazo, o movimento radical provou-se irrelevante para evitar o processo de conversão e assimilação, mas assegurou um culto aos mártires cordobeses; notavelmente, esse “culto” foi tomado da Igreja pelos escritores da história nacional

¹⁰Chamamos aqui de cristãos moderados aqueles que não aderiram ao movimento martírico. Tal movimento contou com o apoio e foi desenvolvido por outros cristãos, definidos como radicais por Jessica Coope (1995), como membros da mesma crença acreditamos que a divisão feita por Coope (1995) ajuda a compreender o período – uma vez que mesmo que em oposição ao movimento martírico, não foram todos os cristãos que se converteram ao Islã ou curvaram-se perante o poder do emir, mas – nesse contexto – os moderados seriam aqueles que se adaptavam, evitando o conflito aberto.

espanhola, que acabou por elevar Eulógio e o seu grupo a posição de precursores do nacionalismo espanhol¹¹ (FERRERO, 2012, p. 894).

Nesse sentido, Ferrero (2012) ao recuperar uma ideia trabalhada por Jessica Coope (1995), na introdução de seu livro *“The Martyrs of Córdoba - Community and Family Conflict in an Age of Mass Conversion”*, aponta a posição de legado que coube à narrativa de Eulógio relativo aos acontecimentos da Córdoba do século IX. Como a própria Coope (1995) acaba por complementar, “os martírios voluntários podem ser bem entendidos nesse contexto islâmico; eles representam uma tentativa de resistir à assimilação e conversão ao Islã, fortalecendo a identidade cristã ao invocar a imagem heroica dos mártires romanos”¹² (COOPE, 1995, p. 14).

Nesse sentido, podemos perceber que Eulógio estava legando uma representação do mundo islâmico como inimigo para o “futuro”. Tanto é assim que Ambrósio de Morales, sob o desígnio de Felipe II, embasou uma versão da identidade espanhola - retomando a luta dos mártires e aos escritos de Eulógio. Podemos assumir que um dos papéis do martírio cordobês, na historiografia é o de inflar a vitória cristã sobre os inimigos muçulmanos, tendo em vista que o que se procurava, após o processo de (Re)Conquista Ibérica, era construção de uma identidade que voltasse para a “ascendência goda para a coroa espanhola, se posicionando contra os mouros – e os últimos resquícios que os representavam – minimizando-os e considerando-os como seres de outro mundo”¹³ (LEONARDO, 2015, p. 180).

Em tal sentido e mesmo que parcialmente, se afirma que Eulógio cumpriu com seu objetivo, pois ainda que não tenha inflado um movimento contra o domínio islâmico no século IX, oportunizou o legado de uma representação do cristianismo cordobês enquanto combativo, frente à dominação do Outro. Eulógio não seria o único a contribuir para a formação de um sentimento de aversão, mas para o contexto espanhol podemos apontá-lo como fundamental.

¹¹*In the long term, the radical movement proved irrelevant to the conversion and assimilation process, but it did secure a martyr cult; remarkably, this “cult” was taken out of church by modern Spanish historical scholarship, which hailed Eulogius and his group as the forerunners of Spanish nationalism.*

¹²*The voluntary martyrdoms can best be understood in this Islamic context; they represent an attempt to resist assimilation and conversion to Islam and to strengthen Christian identity by invoking the heroic image of the Roman martyrs.*

¹³*Tal identidad se construye afirmando la ‘ascendencia goda para la corona española’, y se posiciona frente a lo morisco - y los últimos restos de lo musulmán que esto representa-, minimizándolo y considerándolo como ajeno.*

O modo como nosso autor realizou sua explanação faz notar que seu grande medo estava vinculado à “ameaça coletiva contra a identidade local da sociedade cristã de uma forma que jamais aconteceu antes, após a conquista muçulmana as conversões eram poucas, e que jamais tornou a acontecer posteriormente, uma vez que a conversão avançou”¹⁴ e a batalha, então, estaria perdida (FERRERO, 2012, p. 894). Com isso, percebemos que Eulógio não estava apenas dando suporte para um mito político do Islã, mas realizando a construção de uma profecia autorrealizável, como apresentou Robert Merton em 1948. Uma vez que sua narrativa apontava para a impossibilidade de coexistência entre o Islã e o Cristianismo, sua visão era a de que para o futuro do segundo estar garantido, o fim do primeiro deveria ser alcançado.

De tal forma, cabe entender como a construção de Eulógio ao atacar o Islã estava chancelando o apagar da identidade cristã, ao menos na Córdoba do século IX, se nenhuma atitude de agressão ao Outro fosse tomada. A profecia construída por Eulógio, associada à noção de mito político, possibilita compreender a retórica de nosso autor como um dos pontos de referência no movimento anti-islâmico, que daria base para a formação da história nacional espanhola no século XVI.

Em resposta a citada mensagem encaminhada por Eulógio a Paulo Álvaro, o segundo teria assim respondido, enaltecendo a postura empregada e difundida pelo primeiro:

Com grande virtude, com grande glória, devemos sempre ter por você, que não só soltou sua língua em louvor a esses confessores, mas que por tuas palavras sofre tua tortura como recompensa e, semeando em meio a tua cruel e pequena prisão a palavra do Reino, faz campanha por uma afortunada vitória. Devemos alardear ao longo dos séculos aquele que, em meio à tortura, não reprimiu a língua - és o único dentre tantos que não se cala. Brilha e resplandece com um esplendor maior que o das luzes, porque te esperam prêmios e uma coroa cêntupla e proteja-nos com a ajuda com que sempre nos protegeu¹⁵ (FERNÁNDEZ, 1973, p. 366).

É percebido, nas palavras de Paulo Álvaro a Eulógio, que o papel de nosso autor é fundamental por seu constante ataque ao Outro e sua defesa do cristianismo. No primeiro

¹⁴ *This was threatening the collective identity of local Christian society in a way that had never happened before, when following Muslim conquest conversions were fer, and would never happen again thereafter, as conversion progressed too far and the battle was hopeless.*

¹⁵ *Macte uirtute, macte gloriae sempre habendus, qui non solum linguae in laudibus confessorum soluisti officium, uerum etiam ob oris gratiam in praemium confessorum ex parte sentis supplicium et inter saeua claustra et arcta custodiae uerbum regni serens feliciori polles uictoria. Praeconandus saeculis uiuersis qui et in suppliciis positus linguam non cohibet et pro omnibus solus non tacet. Splendesce et ampliori lumine, quo fulges, claresce, quia reposita tibi sunt praemia et centuplicata te manet corona, nosque tuo suffragio, quo semper fouisti, tuere.*

terço do texto percebemos que já na primeira prisão de Eulógio (851) ele estava dentre os principais defensores da ascensão cristã frente ao domínio muçulmano, na Córdoba do século IX. Desde então é possível traçar o papel de Eulógio como um expoente na ação que encadeou a série de martírios, inicialmente enquanto orador e difusor do cristianismo, para então tornar-se o relator de tal acontecimento, buscando pela salvaguarda dessa história.

É possível perceber a motivação para considerar Eulógio como um dos caminhos que legaria o mito político do Islã e a polêmica anti-islâmica, que podemos caracterizar como que “uma lenda negra do Islã”. Entendemos que a construção de nosso autor buscou que “sua definição da situação (profecia/previsão) se tornasse parte integral da situação, afetando o desenvolvimento subsequente”¹⁶ das ações (MERTON, 1948, p. 195). Em razão disso, afirmamos que o legado de Eulógio está ligado a uma ideia de que se o Islã não fosse combatido e expulso, pouco ou nada sobraria da identidade, cultura e fé cristãs.

Sob tal perspectiva, compreende-se que ao criticar aqueles que não apoiavam os martírios, o autor buscava, através de sua retórica, a unificação da cristandade cordobesa – se não através de uma luta e ataque pouco apoiados, que fosse através de um incentivo a valorização da identidade, fé e culturas cristãs. Entretanto, a representação construída por nosso autor é a de que tal identidade já estaria no limiar de ser perdida, como aponta em seu “*Memoriale Sanctorum*” e lamenta ao longo de seu “*Apologeticus Martirium*”, uma vez que, como já citado, os cristãos moderados de Coope (1995) opuseram-se aos martírios, ainda que em seu princípio - de acordo com Eulógio - houvesse mais apoiadores, bem como encontraram formas de se adaptar ao domínio muçulmano enquanto *dihima*.

Assim, é dessa forma que nosso autor constrói uma profecia relativa ao apagar da cristandade, onde não haveria outra saída que não o ataque ao Islã para salvaguardar os valores e identidade cristã. Esse estilo narrativo, como Merton (1948) procurou apontar, levava apenas para o próprio cumprimento da profecia uma vez que uma perspectiva, uma opinião, fechada em si mesma e sem ajustes ou flexibilização impediria compreensão diferente. Por tal razão se percebe como Eulógio legou uma das bases para o mito político do Islã, tendo em vista que um de seus grandes objetivos era o de que seus textos encontrassem as futuras gerações. Tal afirmação é feita tendo em vista que – como afirmou o autor:

¹⁶The parable tells us *that public definitions of a situation (prophecies or predictions) become an integral part of the situation and thus affect subsequent developments*. Grifo nosso, indicando parte da frase citada.

temos que expor com fiel escrita a idade de nossos combatentes, suas origens e a data de suas decapitações, com o objetivo de que o puro conteúdo deste livro venha a ser conhecido nos séculos vindouros e que o que por dom divino veio a ser associado a nós e a nossa época, a saber, contemplamos com os próprios olhos a luta dos santos, para que a geração futura também participe da nossa alegria, contanto que você não rejeite com confiança a verdade do que você leu, que o zelo que os católicos transmitiram a você¹⁷ (FERNÁNDEZ, 1973, p. 401).

Através deste trecho, que encerra a hagiografia de Prefectus, é plausível afirmar que Eulógio tinha como um de seus grandes objetivos legar seus textos para que as futuras gerações seguissem na luta contra o inimigo muçulmano. Para além deste incentivo, se percebe que Eulógio desejava que as futuras gerações não fossem coniventes com aqueles que aceitam a submissão ao Islã ou a convivência, mas que se trabalhe e lute para que o Cristianismo não apenas seja a fé verdadeira, mas sim a única fé – tal desenvolvimento culminou, de certa forma, com o decreto de expulsão de mouros e mouriscos, em 1609, por Felipe III, como aponta Anouar Majid (2009). Eulógio construiu uma das bases que viria a dar origem ao mito político do Islã. Tal compreensão surge, pois, como Christopher Flood (1996) afirma, em seu *“Political Myth: A Theoretical Introduction”*, o mito pode não ser compreendido através do primeiro contato, mas ele é composto pela exposição cumulativa à sua construção.

De tal forma, entendemos que o objetivo de um mito é o de oferecer validade a uma narrativa que pode ou não representar a realidade, mas que será ofertada enquanto algo real. Como Hans Blumenberg (1985) trabalhou em seu *“Work on Myth”*, o mito deve ser entendido como um processo que soma duas ações: o ato de dizer e o ato de fazer. Em tal sentido temos em mente que ao construir uma narrativa sobre a sua Córdoba e “os seus” mártires, Eulógio possibilitou a construção de um mito onde o Islã era o grande inimigo e agressor demonstrando a violência islâmica ao narrar o martírio, mas deixando de lado perspectivas quanto à aceitação ao Outro nesta fé oriental. Em tal sentido torna-se necessário refletir quanto a base primordial para o funcionamento de qualquer mito, pois como Chiara Bottici (2007) afirmou:

O desempenho básico do mito é fornecer nomes. Um mito é sempre “o mito de. . .”. É apenas dando um nome a uma coisa que ela pode se tornar “compreensível” e,

¹⁷*Sed nos, nostrorum agonistarum aetates, ortus temporaque decisionis fidei prosequamur stylo, ut quod diuino munere nobis nostraeque aetati coniunctum est, propriis scilicet obtutibus sanctorum contemplari agonem, uenturis etiam saeculis pura libelli series innotescat, ut nostri quoque gaudii futura generatio particeps fiat, dum mente credula uera esse non abnuat quae sibi catholicorum mandasse industria lectitat.*

portanto, objeto de uma história. Fornecer nomes não apenas torna as histórias possíveis; nomear o desconhecido já é uma forma de dominar o desconhecido. Denominar uma coisa é a primeira - senão a mais interessante - resposta à pergunta "o que é isso ou aquilo?" Além disso, ao dar um nome ao desconhecido, redes inteiras de outros significados são lembradas¹⁸ (BOTTICI, 2007, p. 116).

Então, se o mito deve fornecer nomes e definições, assim Eulógio possibilita ao longo de sua narrativa, a partir do “*Apologeticus Martirium*” e do terceiro livro do “*Memoriale Sanctorum*”, escritos concomitantes onde passa a denominar o Islã e os muçulmanos enquanto o maior perigo para a cristandade. Se “nomear é uma forma de dominar o desconhecido”, assim Eulógio o faz ao apresentar “sua” biografia de Mahomat, colocando-o no papel de grande vilão e afirmando ser o Islã uma heresia. De tal forma, nosso autor desenvolveu uma narrativa na qual o único espaço disponível para os muçulmanos era o de oposição à cristandade.

Se de fato ao nomearmos o Outro criamos uma rede de significados que são lembrados em diferentes situações, não teria sido em parte, o papel de Eulógio? Acreditamos que sim, ainda que nosso autor não possa ser considerado como “A” origem absoluta da representação do Islã enquanto inimigo, temos em mente que não há como negar seu papel nessa construção.

O mito, em nosso entender, não pode ser entendido enquanto uma mentira, tendo em vista que é baseado em uma representação, interpretação. Como Bottici (2007) torna a afirmar, “a obra do mito é, portanto, a obra contra um ‘absolutismo da realidade’ assim entendido: qualquer estágio em que estejamos, sempre já ultrapassamos esse absolutismo, porque superamos o puro caos”.¹⁹ (BOTTICI, 2007, p. 121-122).

De tal forma, a filósofa italiana, procura demonstrar o modo como o mito é construído após os acontecimentos, tendo sua base em uma interpretação da realidade passada. Enquanto o real estaria baseado nas ações práticas e teorias que dão origem aos fatos e eventos, o mito seria a narrativa interpretativa de símbolos, discursos e modos que denotam a compreensão do passado. Logo, o mito poderia ser considerado como que o viés interpretativo após o caos da mudança, do acontecimento. Nesse sentido, o mito político (seguindo a lógica apresentada por

¹⁸The basic performance of myth is to provide names. A myth is always “the myth of. . .”. It is only by giving a thing a name that it can become “graspable” and therefore the object of a story. Providing names does not just render stories possible; naming the unknown is already a way of dominating the unknown. Denominating a thing is the first – if not the most interesting – answer to the question “what is this or that?” Moreover, by giving a name to the unknown, whole webs of other meanings are recalled.

¹⁹The work of myth is thus the work against an “absolutism of reality” understood in this way: at whatever stage we are, we have always already gone beyond this absolutism, because we have gone beyond pure chaos.

Bottici (2007)) seria construído visando passar uma mensagem que enaltece modelos passados ou a superação de barreiras e problemáticas.

Em tal sentido, refletindo o valor da construção de Eulógio em seu tempo e pensando em seu legado como parte do mito político do Islã, percebemos que houve uma tentativa de construção da realidade que instigasse a defesa do cristianismo como a ação mais importante por parte dos seus. Como Henry Tudor (1972, p. 123) afirmaria em “*Political Myth*”, o mito ofereceria algo prático, baseado nos receios existentes. Em tal sentido, a construção de uma representação deve ser considerada como uma ação política, tendo em vista o direcionamento que procura ser feito através de tal discurso.

Nesse sentido, conseguimos de fato perceber a conexão de significados uma vez que “a profecia auto realizada é, em seu princípio, uma definição **falsa** da situação evocando um novo comportamento que faz com que o concepção originalmente falsa torne-se **verdadeira**”²⁰ (MERTON, 1948, p. 195, grifo do autor). Assim, refletimos que há uma convicção em aceitar-se a representação e que tal processo, com o passar do tempo, tornará à realidade uma alteração do real, como apontou Patrick Charaudeau (2006). Ao definir, ao longo do “*Documenum Martiriale*” e do “*Apologeticus Martirium*”, que a aceitação do domínio muçulmano, por parte da cristandade cordobesa, seria o fim da identidade cristã em tal região e que o ataque ao Outro era a única saída, Eulógio apresentou sua definição de qual seria a consequência para a imobilidade dos cristãos cordobeses. Em tal sentido, sua narrativa, ao defender a ação dos mártires e o ataque ao Islã, buscava por apresentar o que era necessário para que a cristandade sobrevivesse ao domínio do Outro.

Ainda, como Merton (1948) complementa, “a validade especial da profecia autorrealizável perpetua um reinado do erro. Pois o profeta irá citar o atual curso dos eventos como uma prova de que ela estaria certa desde o princípio” (MERTON, 1948, p. 195).²¹ Em tal sentido percebemos a maneira como Eulógio constrói a história dos mártires como atacados pelos ímpios muçulmanos, enquanto que a ação do mártir cordobês procurou pela concretização de seu martírio com o objetivo de “comprovar” a violência que afirmava fazer parte da concepção do ser muçulmano. Porém, mesmo sob a narrativa das hagiografias de

²⁰*The self-fulfilling prophecy is, in the beginning, a false definition of the situation evoking a new behavior which makes the originally false conception como true.*

²¹*The specious validity of the self-fulfilling prophecy perpetuates a reign of error. For the prophet will cite the actual course of events as proof that he was right from the very beginning.*

Eulógio, é percebido que os cristãos procuraram por sua punição sem uma violência prévia e injustificada por parte dos muçulmanos.

Como Eulógio procurou afirmar, ao iniciar o terceiro livro do “*Memoriale Sanctorum*”, o “conteúdo dos volumes precedentes expôs abundantemente a crueldade dos infiéis, por muito tempo determinados a cansar a constância dos mártires invencíveis, e traça com a passagem de uma declaração verdadeira as origens, idades e atos de guerra dos santos”.²² (FERNÁNDEZ, 1973, p. 438). De tal forma, a narrativa de Eulógio procurava colocar no Islã a culpabilidade pela violência do período contra o que, na prática, era uma minoria da cristandade cordobesa, mas que na teoria foi representada enquanto maioria, como apontado por Jessica Coope (1995) e Brian Catlos (2018).

Ao citar os “atos de guerra dos santos”, Eulógio aponta a violência empregada pelos mártires, ainda que sua intenção fosse enaltecer a ação desses contra o Islã. Em tal sentido, percebemos como um ponto importante para refletir quanto ao fato de ser uma ação de resposta ou um ataque voluntário. A forma como Eulógio construiu sua narrativa é a de que a ação dos mártires correspondia a uma necessidade frente ao domínio muçulmano, porém tal sobreposição do Islã, após a conquista de parte da Península, não estava baseada no domínio pela violência, como o próprio Alcorão frisa, na Segunda Surata, versículo 190: “combatei pela causa de Deus àqueles que vos combatem; porém, não os provoqueis, porque Deus não estima os agressores”. Logo, a ação dos quarenta e oito mártires era voluntariosa, visando desestruturar o governo muçulmano e gerar uma reação dos demais cristãos moderados de Córdoba.

Porém, tal reação em cadeia desejada por Eulógio e pelos demais cristãos radicais não aconteceu, uma vez que a própria igreja cordobesa, na figura do Bispo Recaredo, opunha-se ao movimento martírico. De tal forma, a escrita de nosso autor legou uma interpretação de que a ação dos mártires foi necessária para comprovar a violência contida no Islã e de que se essa não fosse combatida seria o fim para os cristãos. Nosso autor, ao afirmar que legava a luta dos seus para que as futuras gerações seguissem no combate ao Islã, impedindo-o de extinguir do cristianismo, registraria a seguinte perspectiva:

²²*Cum igitur praecedentium uoluminum series affatim impiorum crudelitatem, quae diu inexpugnabilium uirorum constantiam enisa est fatigare, digesserit ueroque assertionis gressu ortus, aetates actusque belligeros percurrat sanctorum.*

Marchamos, ainda que, constrangidos pela escassez de nossa eloquência, marchamos invadidos pelos infortúnios das perseguições iminentes e, como se se levantasse um vento contrário, ficamos apavorados de voltar a parar em alto mar. Mas confiamos sem vacilar que o teremos êxito com a amável ajuda de quem nos considera dignos da contemplação e da amizade dos mártires, para que possamos educar-nos também com os troféus daqueles de cuja doçura desfrutamos²³ (FERNÁNDEZ, 1973, p. 439).

Eulógio apresenta, dessa forma, o conhecimento de que as ações que incentiva e a atitude que os mártires estão tendo irá causar sua perseguição. Nosso autor tem a percepção de seu contexto ao desenvolver uma narrativa onde o Islã não só é violento, mas também que o papel daqueles que aceitam o martírio é o de comprovar a agressividade que compõem essa religião. Nesse sentido, evoca a ideia de que, no futuro, o exemplo daqueles que entregaram sua vida a verdadeira fé seja seguido, pois, ao confiar no êxito do ataque ao Islã, abre a possibilidade para que se a vitória não vier em seu tempo espera inspirar as futuras gerações a seguirem na luta.

Em tal sentido, há a compreensão de que “um mito político pode ser definido como o trabalho de uma narrativa comum, através da qual membros de um grupo social apresentam o significado de suas experiências políticas e feitos”.²⁴ (BOTTICI, 2007, p. 179) Percebemos então que Eulógio preparou seu texto de forma a legar sua luta, buscando permitir que o sacrifício dos mártires não fosse deixado no passado – como seu texto e suas referências sobre a proteção de seus escritos para Paulo Álvaro demonstram.

Em tal sentido é interessante notar que, como Christopher Flood (1996) indica, a criação do significado narrativo é o que denota o diferencial entre a base de um mito político e uma simples narrativa. A importância de tal percepção é a de entendermos que a mensagem transmitida por Eulógio foi importante em um contexto para além do seu, uma vez que houve sua recuperação por Ambrósio de Morales ao narrar o que veio a ser definido como uma guerra de reconquista da Ibérica que estava no foco das ações. O discurso desenvolvido pelo autor de nossa fonte auxiliou na construção de uma retórica em que o ataque ao Outro era fundamental pela defesa da fé e pela recuperação de uma identidade cristã que estava no limiar de ser perdida.

²³*Tendimus igitur parcitate facundiae coarctati, tendimus imminentium persecutionum casibus occupati, et quasi in contrarium uento surgente in altum nos demum deuolutos pelagus inhorrescimus. Confidimus autem eius non incunctanter bonitatis iuuamine prosperari, qui dignos nos eorum uisu et amicitia diiudicauit, ut quorum fruebamur dulcedine etiam tropaeis imbueremur.*

²⁴*A political myth can be defined as the work on a common narrative by which the members of a social group (or society) make significance of their political experiences and deeds.*

Ao analisarmos o estudo quantitativo do historiador Richard Bulliet (1979), percebemos que 110 anos após o início do movimento dos mártires, (961) a população convertida ao Islã, em *Al-Andalus*, girava em torno de 50 por cento. Já no ano de 1200, esse valor já teria chegado a 90 por cento. Em tal sentido, é percebido que após o movimento dos mártires houve um aumento da conversão – ligado a outros fatores políticos e religiosos, mais do que a uma resposta do movimento do século IX.

Porém, ao percebermos tal número devemos ter em mente o que motivaria o uso de Eulógio como uma ferramenta para atacar o Islã: se os dados apontados por Bulliet (1979) são próximos à realidade, mesmo após a tomada de Toledo (1085) pelo Rei Afonso VI de Leão e Castela, a grande maioria da população nos territórios de *Al-Andalus* seria muçulmana, deixando de lado a tradição cristã. Assim, o medo de Eulógio de que no futuro o cristianismo fosse apagado perante o inimigo muçulmano estava próximo de ocorrer – ao menos na teoria e na parte setentrional da Península.

O que possibilita a aceitação de um mito é quando seu contexto de formação, seus termos e ideias coincidem com um contexto de difusão – algo que aconteceu com a representação construída por Eulógio quando recuperado pela historiografia espanhola. Quando Alfonso III garante a salvaguarda dos textos e relíquias de Eulógio, trinta anos após as ações em Córdoba, ele possibilitou que o uso desses textos fosse retomado, apresentando o perigo contíguo no inimigo e a necessidade de atacar o Outro.

Em tal sentido, Eulógio construiu uma narrativa apontando os vícios da sociedade cordobesa que se submeteu ao Islã, bem como a face do inimigo, seja a de seu líder Mahomat, seja a de seus soldados, imbuídos de violência. E, como Chiara Bottici (2007) afirma, os mitos políticos “quando rejeitados por pensadores iluminados como regressão ao primitivismo e quando aclamados como sintomas de um grande entusiasmo por seus simpatizantes, eram na maioria das vezes vistos como manifestações do extraordinário”²⁵ (BOTTICI, 2007, p. 246). E tal formação acaba sendo a percepção que permeia a leitura da obra e dos relatos de Eulógio: por um lado somos apresentados ao extraordinário sacrifício e luta protagonizada pelos cristãos, por outro temos a narrativa de uma virulência por parte do Islã e, ao mesmo tempo, uma proposição do erro cometido pelos cristãos que não apoiavam o movimento martírico.

²⁵*When rejected by enlightened thinkers as regression into primitiveness and when acclaimed as symptoms of a great enthusiasm by their sympathisers, were most often seen as manifestations of the extraordinary.*

A obra de Eulógio trabalha com ações extraordinárias de homens e mulheres que, de acordo com sua narrativa, são santos e santas ao mesmo tempo em que lidam com um inimigo temerário e apontando o erro daqueles que não apoiam os mártires. A textualidade de Eulógio congregou estes três elementos sob uma ótica uníssona que apresenta a necessidade de atacar o Islã e de afugentar esse perigo. Pois em uma mesma frase, nosso autor conseguia enaltecer a figura dos verdadeiros cristãos e criticar a dos falsos, sob sua perspectiva, ao mesmo tempo em que atacava o Islã. Ou seja, os primeiros estariam perdidos pela fraqueza dos segundos que se submeteram às mentiras e agressões do primeiro – como Eulógio afirmou:

muitos, por outro lado, se afastaram de Cristo por sua própria vontade, uniram-se aos ímpios e veneravam a seita do diabo com grande avidez, como faz agora aquela falsificação indigna da bênção dos santos. Este, que colocava a glória de seu prestígio terreno antes dos bens celestiais e venerava com paixão sem precedentes sua posição em vez de Deus²⁶ (FERNÁNDEZ, 1973, p. 440).

Assim, Eulógio embasou seu ataque na figura do maligno Profeta Mahomat que teria enganado a tantos por sua ligação com o diabo, levando uma série de pessoas a seguirem uma falsa religião, uma heresia baseada nos ensinamentos de Cristo. Ao mesmo tempo, nosso autor critica a postura daqueles membros da igreja e cristandade cordobesa que estão aceitando o Outro por prazeres mundanos, “esquecendo-se” dos vínculos com o verdadeiro Deus, de acordo com sua concepção.

Conclusão

São Eulógio de Córdoba não construiu a representação do Islã enquanto um inimigo sozinho, nem foi o único responsável por ela. Porém, acreditamos ter percebido na forma como realizou a formulação do inimigo, sob a perspectiva de legar sua luta através de seus textos, uma perspectiva de atingir e instigar as futuras gerações a seguirem em uma luta contra os muçulmanos.

Percebemos Eulógio como um dos precursores do mito político relativo ao inimigo islâmico em virtude do exposto aqui. Ao desenvolver sua percepção de que, a menos que o Islã fosse combatido, a cristandade encontraria seu fim; ele oportunizou o legado de uma

²⁶ *Multi autem sua se sponte a Xpo diuertentes adhaerebant iniquis sectamque diaboli summo colebant affectu, sicuti ille spurius et sanctorum benedictione indignus. Qui saecularis reuerentiae pompam rebus praeponeans caelestibus inauditaque libidine pro Deo officium uenerans.*

representação do inimigo e de seus piores aspectos. Os mitos políticos são simplesmente o trabalho de uma narrativa comum que dá significado à experiência presente, passada e futura, corroborando com a percepção de Chiara Bottici (2007).

Como tal, eles não se opõem à teorização racional, como uma visão iluminada manteria, mas, em vez disso, são frequentemente misturados a ela.²⁷ (BOTTICI, 2007, p. 250). Ou seja, Eulógio não criou um mundo à parte, não usou de sua imaginação para representar a Córdoba do século IX e sim adaptou elementos da realidade, visando ampliar a significação de uma dualidade onde os bons eram os verdadeiros cristãos, enquanto os muçulmanos seriam os ruins.

Referências

- ARMSTRONG, K. **Maomé: Uma Biografia do Profeta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BLUMENBERG, Hans. **Work Myth (Studies in Contemporary German Social Thought)**. Cambridge: The MIT Press, 1985.
- BOTTICI, Chiara; **A Philosophy of Political Myth**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- BOTTICI, Chiara; CHALLAND, Benoît. Rethinking Political Myth: The Clash of Civilization as a Self-Fulfilling Prophecy. **European Journal of Social Theory**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 315–336, 2006.
- BULLIET, Richard. **Conversion to Islam in the Medieval Period**. Cambridge: Harvard UP, 1979.
- CATLOS, Brian. **Kingdoms of Faith: A New History of Islamic Spain**. New York: Basic Books, 2018.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: A História entre Certezas e Inquietude**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.
- COOPE, Jessica. **The Martyrs of Cordoba**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1995.

²⁷Political myths are simply the work on a common narrative that provides significance to present, past and future experience. As such, they are not opposed to rational theorising, as an enlightened view would maintain, but, instead, are quite often intermingled with it.

DÍAZ Y DÍAZ, P. R. Álvaro de Córdoba: “Vida de San Eulógio”. **Revista Flor**, Universidad de Granada, v. 4, n. 5, p. 127–154, 1993-1994.

FERNÁNDEZ, Gil. **Corpus scriptorum muzarabicorum**. Tomo I, Tomo II. Fundação Ignacio Larramedí. CSIC. Madrid, 1973. Disponível em: <http://www.larramendi.es/i18n/consulta/registro.do?control=FIL20120000360>. Acesso em: 8 set. 2020.

FERRERO, Mario. The Cult of Martyrs. **The Journal of Conflict Resolutions**, [S. l], v. 57, n. 5, p. 881–904, 2012.

FLOOD, Christopher. **Political Myth: a Theoretical Introduction**. [S. l]: Garland, 1996.

GUIANCE, A. Eulógio de Córdoba y las reliquias de los mártires. **Revista História Autônoma**, Universidad Autónoma de Madrid, v. 7, n. 11, p. 279-297, 2017.

HOURANI, Albert. **Uma História dos Povos Árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEONARDO, María. El Monumento del Trofeo a los Mártires, en Córdoba, 1588, elaborado por Amborsio de Morales. **POTESTAS: Estudios del Mundo Clásico e História del Arte**, Espanha: Universitat Jaume I, Castellón, v. 8, n. 8, p. 175-194, 2015.

MERTON, Robert. The Self-Fulfilling Prophecy. **The Antioch Review**, [S. l], v. 8, n. 2, p. 193–210, 1948.

RODINSON, Maxime. **Europe and the Mystique of Islam**. London: I. B. Tauris, 2002.

ROLDÁN, Pedro. **Obras Completas de Eulógio de Córdoba**. Madrid: Akal, 2005.

SAID, E. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TOLAN, J. V. The legal status of religious minorities in the medieval Mediterranean world: a comparative study. Org: Borgolte, Michael. *In: **Hybride Kulturen im mittelalterlichen Europa: Vorträge und Workshops einer internationalen Frühlingsschule/Hybrid Cultures in Medieval Europe: Papers and Workshops of in International Spring School***. Akademie Verlag, 2010, p. 141-149.

TUDOR, Henry. **Political Myth**. Santa Barbara: Praeger Publishing, 1972.